

Tramataia

Enfim cheguei a Tramataia, pequeno e antigo povoado hoje deserto, esquecido à margem esquerda do Mamanguape, precisamente na curva que este rio faz se dirigindo para a sua foz na praia de Coqueirinhos. Era região por mim conhecida de passagem, já a tinha visto, com os seus sete ou oito mocambos vazios, e inteiramente inútil, abandonada a sua casa de farinha. Vários coqueiros, sempre carregados, permaneciam ainda entre os casebres, dando ao conjunto um ar de tempo saudoso e longínquo.

Tramataia. Esse povoado pequeno e morto me surpreendeu vivamente; pelas imagens de vida que revelava; pelas paisagens esquecidas, extintas muito antes de prosperar.

Seus habitantes tiveram o rio para pescar, os mocambos para habitar; e os coqueiros, com sua necessária presença civilizadora, eram, naquela pequena região, um dos elementos principais de comércio; o outro era, sem dúvida, a casa de farinha.

Aqueles praieiros, modestos e sem recursos, construíram ali uma casa de farinha, cujo produto servia não somente para uso próprio e doméstico, como também para ser vendido em outros povoados.

Tramataia. Quando a vi, já estava morta; nascida e morta. Por ela passei muitas vezes, para alcançar o sítio do velho Gersino. Ia por sobre a planície que o rio ainda alagava nas grandes marés, mas onde não havia mais o manguezal, que somente aparecia muito distante, junto à margem do rio, sobrevoado pelas garças e colherenas, em grandes bandos; sítio carinhosamente cultivado por seu Gersino, com plantações de milho, com latadas de uvas e de maracujás. (Para proteger as espigas de seu milharal contra a invasão dos periquitos e jandaias que viviam em bandos por toda aquela região, o velho Gersino pagava a um menino para gritar dentro da plantação, durante todo o dia).

Enfim cheguei a Tramataia. Não mais para simplesmente passar, e sim para me demorar por um dia, pois chegava para trabalhar na abandonada povoação, fazendo o levantamento de uma grande ilha fluvial limitada pela margem do rio e um seu afluente; e, por outro lado, pelas salinas cobertas de um capim duro, que se estendia numa vasta planície alagadiça nas marés crescentes e que nela depunham o sal das águas do mar.

Grande parte dessa ilha era ocupada por uma densa capoeira que se juntava, na margem do afluente do Mamanguape, ao mangueiral que o envolvia. Mangueiral de grossos troncos e frondes largas, constituídos de mangues canvês. Debaixo dessas árvores almocei nesse dia; ali me entregaram o almoço que chegara da Baía.

Num só dia levantei todo o contorno da ilha. Já ao entardecer tinha passado pelas salinas e conduzi o caminhamento pela margem esquerda do rio. Precisei tirar os sapatos mais de uma vez (somente com os pés descalços era possível parar nas partes alagadas). Fui, por isso, duas vezes mordido pelas mutucas, que eram muito freqüentes nessas regiões; às vezes, mutucas negras, cujas mordeduras faziam sangrar.

Um pouco mais além, quase ao chegar de volta à estaca de onde comecei, encontrei uma grande extensão de terreno formado de uma substância desconhecida para mim. Não era nem argila, nem areia – não me parecia também pedra – parecia mais vastos depósitos de uma matéria de consistência mais aproximada à da madeira, pelo menos da madeira fossilizada. Tirei um fragmento para levar comigo e examinar melhor.

Passei por cima dessas estranhas jazidas e liguei logo depois a linha que vinha tirando à estaca inicial, depois a um marco que instalei no alto da ribanceira e que amarrei a duas pedras firmemente cravadas no chão. Tirei o instrumento do tripé, coloquei-o dentro da caixa e, como estava com muita sede, pedi a um trabalhador que me tirasse uns cocos verdes, dos coqueiros

de Tramataia. Foi um regozijo, para quem vinha bebendo água de chuva contida dentro das folhas de pequenos gravatás (água de chincho, como por ali era comum se chamar). A outro trabalhador, pedi que fosse apanhar o cavalo, que estava pastando ali perto. Enquanto esperava os cocos, que estavam sendo colhidos, abriguei-me na casa de farinha. Vi que estava um pouco destruída. No caititu e na prensa faltavam peças. O lajeado de tijolo do forno e o próprio forno de torrefação mantinham-se em bom estado. Por ali não passara nenhum sinal de incêndio nem de destruição por assalto ou roubo.

Depois que bebi a água de coco, pedi aos meus ajudantes que fossem procurar o cavalo em que viajara pela manhã, pois, ao cair da tarde, deveria regressar à Baía. Enquanto esperava, percorri alguns casebres abandonados; entrei em mais de uma delas e verifiquei que, apesar de estarem desocupados por muito tempo, guardavam ainda uma certa ordem naqueles utensílios mais pesados e, portanto, difíceis de serem facilmente removidos. Em tudo, porém, transparecia um ar de mistério e indecisão, qualquer coisa de insólito e inexplicável. As choças, cobertas de palha de coqueiro, permaneciam ainda com essa cobertura, embora um pouco destruída. Com o tempo, que se supunha ser o do seu abandono, davam a sensação de poderem ainda ser habitadas.

Sonho com Tramataia

Nessa noite, sonhei com a pequena vila de Tramataia; sonhei que a localidade estava de novo animada de gente; de novo os seus habitantes morando nos mocambos; de novo na faina de plantar mandioca e de fazer farinha.

A casa de farinha estava novamente funcionando: mulheres, sentadas num pequeno adro, descascavam as mandiocas; o caititu, com o seu rodete, triturava a parte branca interior das raízes dessa euforbiácea, depois levada à prensa que, atuada pelo parafuso, expelia uma gosma espessa (a manípueira, isto é, a parte mais venenosa dos tubérculos comprimidos). A massa, depois de bem esmagada na prensa, era lançada no forno de torrefação, que estava aceso, e dois homens, com ancinhos, procuravam espalhá-la sobre os lisos e quentes tijolos, para que a farinha saísse bem torrada.

Via, no meu sonho, toda essa labuta em fazer farinha, trabalho em que todos se empenhavam com dedicação e interesse, para conseguir um bom produto (que seria vendido em Marcação, ou Mamanguape).

Enleado naquela visão ilusória, ouvia também um canto que vinha das vozes das mulheres, ocupadas em tirar a casca da mandioca:

O que é, o que é?

– Mastiga mas não engole.

– Engolir não pode sê.

Mas soprando como fole

É Caititu, já se vê.

Nessa minha paisagem sonhada, além das roças de mandioca, havia milharais, e as espigas de milho colhidas apareciam suspensas sobre o forno de torrefação; suspensas do telhado, para secar. E havia o sofrido trabalho da pesca, sobretudo a apanha de caranguejos, executada com muita dificuldade dentro de um manguezal enorme, de lama espessa, de lama profunda, em que o apanhador corria o risco de se afogar naquela massa negra e untuosa; de se espetar nas hastes partidas dos mangues.

Via também, no meu sonho, não apenas o fatigado trabalho, mas a alegria cantada e dançada, como na Baía, nos cocos-de-roda e no sapateado dos homens batendo o compasso das emboladas. Havia mesmo, entre aquela gente, mais saúde do que na que habitava no litoral. Ali havia menos maleitas, menos febres, pois o povoado não possuía lagoa de água estagnada onde se criam os mosquitos causadores desses males.

O segredo de Tramataia

Quando terá terminado a pequena civilização da vila de Tramataia? E como morreu, assim tão de súbito, essa atividade, desde que não houve incêndio, nem destruição por assalto de forasteiros? Os mocambos, cobertos de palhas de coqueiro, mantinham-se quase intactos, sem indícios de destruição pelo fogo ou pela violência. Essas perguntas, ninguém me soube responder. Mas tudo revelava que o povoado evoluiu normalmente, como evoluíram o aldeamento de São Francisco e a vila de Marcação. Teria então sido criado pelos caboclos da mesma tribo que fundou o aldeamento; ou surgido da mesma conseqüência que deu lugar a Marcação – a qual resultou da demarcação de terras devolutas do Estado (isso ainda no tempo da Monarquia).

Mas, os habitantes dessas vilas, quando e por que abandonaram os seus casebres? Forçados por que circunstâncias? É provável que o abandono tenha sido feito lentamente, até que o último habitante o tivesse deixado.

Uma série de insucessos teria sido causa inesperada da interrupção do bom andamento no curso da vida que vinha sucedendo em Tramataia, daí a evasão, daí o abandono do próprio lar; mas, em busca de quê? Não se sabe.

Seria como se uma voz viesse do alto, uma ordem divina, à maneira dos antigos avisos aos homens e às cidades atingidas pela maldição de Deus.

Nunca, confesso, tinha visto um povoado ou uma aldeia assim abandonada pelos seus habitantes; praticamente intacta, como se todos tivessem saído para assistir a alguma festa distante, e até hoje não tivessem voltado; como se todos tivessem ido acompanhar uma procissão, numa outra aldeia longínqua, e a qualquer momento voltassem às suas casas.

Tramataia guardava consigo um segredo que era impossível desvendar, como muitos outros segredos que, naquelas terras, há séculos habitadas por índios, surgiam, para surpresa minha, de vez em quando. Esse povoado, sempre que por lá passava, dava-me a impressão de manter um mesmo semblante: aquele de quem espera; de quem está sequioso da presença de alguém; de quem conserva um íntimo silêncio no qual uma alta voz deseja se revelar.

O segredo de Tramataia talvez estivesse contido nas grandes mangueiras distantes e altas, onde voavam bandos de garças brancas, pescando peixes do rio para devorar e sendo elas mesmas caçadas pelos homens que tinham, pelas suas níveas plumas, a obsessão de consegui-las e vendê-las.

Tramataia

De onde teria vindo esse nome? O que significa? Perguntei a muita gente entendida – que não me soube responder – que relação tem essa palavra com a linguagem dos índios que ocupam, há tantos anos, várias localidades da Baía: Mataracá, São Miguel, São Francisco. Tinham contato com Tramataia?

O fato de existir a casa de farinha não indica a presença do índio nesse antigo povoado? Sabe-se que a indústria do indígena incorporou a fabricação da farinha de mandioca na sua técnica

primitiva; basta dizer que entre os índios o caititu chamava-se tipiti e tinha caráter rudimentar e sui-generis.

Toda esta especulação aqui fica, para investigações que possam resolver não só essa incerteza, como muitas outras que ainda hoje existem nas localidades de nome indígena em nosso país. Tramataia! Seu nome é também objeto de seu mistério.